



TEATRO E GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO: desbravando continentes e ressignificando territórios

Fernando Russo Costa do Bomfim
fernando_bomfim@live.com

Doutor em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (USP) e Professor da Fundação Hermínio Ometto (FHO).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2614-3603>

Maria Jade Pohl Sanches
jade.pohl.sanches@gmail.com

Mestranda em Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4977-8521>

RESUMO

Este trabalho trata de um projeto de iniciação à docência em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio em uma Escola Técnica do Município de Santa Maria - RS, com conteúdos geográficos a partir do tema "Teatro e Geografia: descobertas artísticas e geográficas nos seis continentes". O objetivo principal consistiu em sistematizar atividades didáticas que oportunizassem o diálogo intensivo, troca de experiências e promover a aquisição simultânea de conhecimentos no campo da Arte e da Geografia de forma significativa e estimulante para os alunos. A metodologia se desenvolveu a partir da experiência artística, avaliação e decodificação. Como resultado foi possível ampliar a visão dos estudantes para além da geografia, criaram relações com a literatura, cinema, história e sociologia, a partir do Teatro, oportunizando assim a aprendizagem de modo diferenciado e divertido.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia, Teatro, Ensino Médio, Continentes, Cultura.

TEATRO Y GEOGRAFÍA EN LA EDUCACIÓN SECUNDARIA: romper continentes y resignificar territorios

ABSTRACT

Este trabajo trata de un proyecto de iniciación a la enseñanza en una clase de primer año de enseñanza media de una Escuela Técnica del municipio de Santa Maria - RS, con contenido geográfico basado en el tema "Teatro y Geografía: descubrimientos artísticos y geográficos en los seis continentes". Los objetivos consistieron en sistematizar actividades didácticas que permitan un diálogo intensivo, intercambio de experiencias y promuevan la adquisición simultánea de conocimientos en el campo del Arte y la Geografía de manera significativa y estimulante para los estudiantes. La metodología desarrollada a partir de la experiencia artística, la evaluación y la decodificación. Como resultado, se logró ampliar la visión de los estudiantes más allá de la geografía, creando relaciones con la literatura, el cine, la historia y la sociología, desde el Teatro, brindando así oportunidades para aprender de una manera diferente y divertida.

KEYWORDS

Geografía, Teatro, Escuela secundaria, Continentes, Cultura.

Uma viagem artística geográfica com o Ensino Médio

Este artigo descreve e analisa as práticas do projeto "Interdisciplinar de estratégias didáticas entre a Geografia e Artes", desenvolvido no ano de 2015 com uma turma de cursos técnicos de primeiro ano integrado em uma Escola Secundária Industrial de Santa Maria/RS. A experiência teve como objetivo principal aliar os conteúdos de Geografia e Arte por meio da sistematização de atividades didáticas que proporcionassem o diálogo intensivo, a troca de experiências e a promoção da aquisição simultânea de conhecimentos no campo da Arte e da Geografia de forma significativa e estimulante para os alunos.

Para atender à necessidade de abranger o mínimo possível das três linguagens artísticas - artes visuais, paisagem e música - de acordo com as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000) relacionadas às especificidades do Ensino Médio, optou-se por transformar as aulas de Artes em um projeto maior envolvendo dois professores de Geografia e uma professora de Artes. Nesse sentido, o conteúdo de Arte foi selecionado e organizado a partir dos temas abordados nas aulas de Geografia.

O projeto fundamentou-se em estudos teóricos, inicialmente na metodologia triangular de Ana Mae Barbosa (1991), proporcionando aos alunos um momento de contextualização, valorização e prática artística. Para trabalhar o Teatro, a Geografia e o relacionamento pessoal e interpessoal dos estudantes - que enfrentavam situações de bullying, inseguranças e descobertas do próprio corpo - inspiraram-se na metodologia do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (1996).

Por meio da prática da representação lúdica e subjetiva da realidade, essa linguagem artística tornou-se importante para compreender o Teatro a partir do protagonismo, da cultura e da expressividade corporal individual e coletiva.

Em seguida, foram realizados estudos sobre a interdisciplinaridade, que é amplamente defendida pelos PCNs no ensino e aprendizagem e se reflete em pesquisas atuais em geografia cultural, bem como em estudos publicados desde a década de 1970 que abordam múltiplos campos do conhecimento. Para isso, recorreremos aos autores Paul Claval (2002) e Corrêa e Rosendahl (2000), que sintetizam em várias de suas obras esse percurso da geografia cultural.

A partir dessa vasta interculturalidade entre as áreas de Geografia e Artes no Ensino Médio, este artigo limita-se a descrever e analisar as experiências de jovens estudantes em classes de cursos regulares integrados ao ensino médio, como desbravadores de uma viagem repleta de descobertas e aprendizagens.

Desbravando continentes...

Para iniciar o projeto interdisciplinar, a professora de Geografia adotou uma abordagem interativa e envolvente para trabalhar os continentes com os alunos, utilizando a técnica de mapeamento interativo, que envolveu o uso de mapas interativos e recursos tecnológicos para explorar as características geográficas de cada continente em sala de aula.

Para promover a participação ativa dos alunos, organizou pesquisas em grupo, dividindo a turma em equipes e atribuindo a cada uma delas a responsabilidade de estudar um continente específico. Cada grupo foi desafiado a apresentar suas descobertas sobre a geografia, cultura, economia e outros aspectos relevantes do continente que lhes foi designado.

Uma das atividades mais empolgantes relatadas pelos estudantes, foi a simulação de viagem aos continentes. Os alunos foram estimulados a planejar uma viagem virtual ou fictícia a um continente de sua escolha. Durante essa simulação, eles criaram roteiros de viagem, pesquisaram atrações turísticas, culturas locais e desafios geográficos que poderiam encontrar ao longo do caminho.

Além disso, a professora promoveu debates sobre questões globais relacionadas aos continentes. Os alunos tiveram a oportunidade de discutir problemas ambientais, conflitos políticos, migração e outros temas relevantes para cada continente. Essas discussões encorajaram os alunos a expressar seus pontos de vista e a propor soluções para os desafios enfrentados por diferentes regiões do mundo.

Como complemento ao aprendizado em sala de aula, foram exibidos filmes e documentários relacionados aos continentes. Esses recursos audiovisuais enriqueceram o conhecimento dos alunos, permitindo-lhes vivenciar de forma mais realista as experiências e realidades das pessoas que vivem em diferentes partes do mundo.

Após a vivência geográfica dos estudantes, iniciamos as práticas de Teatro com a turma de trinta estudantes de 15 anos no primeiro ano do Ensino Médio, notamos um interesse pelo projeto apresentado, porém, presenciávamos também atitudes que demonstravam divisões de grupos, discriminações com os colegas, inúmeros preconceitos como: gordofobia, racismo e machismo. Logo, notamos que além da união dessas práticas, necessitaríamos de um respaldo teórico-prático que atendesse essas necessidades sociais. Então, surgiu como sugestão, o Teatro do Oprimido de Augusto Boal (1996) que em seus estudos buscava promover o diálogo, a convivência e discutir as opressões vivenciadas pelos grupos de estudantes.

Esta metodologia é dividida em cinco técnicas, a primeira é o Teatro Jornal, que consiste em partir da notícia de um jornal ou revista, para encontrar o que está por trás do discurso, utilizar o que está sendo exposto neste noticiário e transformar em cena teatral. O segundo método é o Teatro Imagem, que consiste em prescindir das palavras e realizar imagens corporais sobre o que se deseja expressar. A fim de que se consiga ver a corporeidade como se estivesse lendo um texto, tamanha sua clareza. Este artifício também pode ser utilizado a partir de fotos, ou seja, os estudantes recebem uma palavra e devem procurar ao longo dos dias fotografar imagens que expliquem o significado do tema que lhes fora entregue.

A terceira técnica é conhecida como Teatro Invisível, que consiste em uma técnica de apresentação de uma cena diante de pessoas que não devem saber que se trata de Teatro aquilo que estão assistindo. Essa cena geralmente é apresentada em lugar público, onde os espectadores participam da mesma, sem notar que se trata de uma encenação.

A quarta técnica denomina-se Teatro Fórum que é uma encenação baseada em fatos reais colocando opressores e oprimidos em conflito, esta técnica utiliza uma linguagem clara e objetiva, de acordo com que cada ator defende sobre seus direitos, desejos e interesses. É a partir desta abordagem que surge o Teatro Legislativo, que trata da união do Teatro do Oprimido com o Teatro Fórum, com essa união faz-se possível a participação do espectador e encenações de fatos reais. É a partir disto, que o Teatro Legislativo busca entender os interesses da comunidade inserindo assuntos relevantes em discussões.

Neste sentido buscamos a partir de Boal (1996), trabalhar o Teatro com a turma de modo coletivo, social e protagonista. A partir desse pretexto inicial, precisávamos de um aporte teórico que trabalhasse a transversalidade entre, Teatro, Música, Dança e Artes Visuais, encontramos então os estudos da autora Ana Mae Barbosa (1991), que nos permitiu trabalharmos com a Abordagem Triangular, que se consiste em Ler, Fazer e Contextualizar.

A parte do Ler e Contextualizar, estava sob as mãos dos professores de Geografia, cabia então a professora de artes a etapa do fazer. Não consistia apenas em uma técnica: "A Abordagem Triangular não serve para quem quer um manual, nem tem caráter prescritivo. Requer o espírito livre, a disciplina investigativa e a disposição corajosa para perceber o que se anuncia ao longo dos passos no caminho (LÔBO, 2020, p. 23)."

Nosso projeto então, buscou compreender como se formaria o efeito de sentido ou como se daria este sentido às coisas no mundo em que vivemos. Deste modo, a Abordagem Triangular das artes e o Teatro do Oprimido, foram importantes para a transformação cultural e do discurso político e social dos adolescentes. Além disso, levou a reflexões sobre práticas educativas como exporemos a seguir.

Ressignificando territórios...

Nós (dois professores de Teatro e capitães da viagem) iniciamos nossa aventura pelos continentes, conhecendo primeiramente o contexto e a história dos estudantes, havíamos pedido para a professora de geografia dar a tarefa dos alunos trazerem em aula fotos, desenhos, pinturas ou gravuras sobre o lugar preferido e o que gostavam de fazer. De modo a pensar em estratégias que motivassem e fizessem sentido para a turma. Afinal, “imagens são superfícies que refletem o que nelas é projetado. Assim como objetos atingidos pela luz, as imagens conseguem refletir emoções, ideias, lembranças, desejos e observações. (BOAL, 2015, p. 216).”

Após a apresentação, decidimos não iniciar com jogos teatrais, visto que não queríamos que os estudantes já soubessem de antemão o que seria feito em aula. Apenas dissemos que iríamos começar uma aventura juntos pelos continentes. Ao anunciar nossa viagem, alguns olharam com cara de deboche ou de incredulidade, outros ficaram animados com a notícia. Escutamos diversas vezes a vergonha, a timidez e o desinteresse pelo projeto, porém, isso não nos desmotivou. Olhávamos para esses corpos mecanizados, reclamando da necessidade de trabalharem o corpo, e só lembramos de Rubem Alves, quando este defende que “a escola não passa de uma máquina destruidora de crianças, com o objetivo étnico de torná-las adultos produtivos [...], a escola mata a espontaneidade das crianças no momento em que tira dela o próprio corpo” (2003, p.38).

E foi na esperança de resgatar essa espontaneidade que iniciamos nosso desbravamento, no continente chamado: América. Como combinado com a professora de Geografia, estudara este espaço primeiramente com os adolescentes, para então adentrarmos com o Teatro. Neste continente tivemos como objetivo: Estimular a autonomia e o protagonismo dos estudantes de modo que fossem agentes das práticas, aprendessem a se relacionar consigo, com o outro e seu meio. Então apresentamos a eles O Brasil, representado pelo Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal (1996), explicando que este nascera na década de 1970, como força política de resistência e educação popular entre atores e não atores, também da ideologia e da prática da democratização teatral. Seu propósito foi de libertar os oprimidos, principalmente por viés cultural, ou seja, a partir de processos educacionais, buscava-se produzir informação e investir na "desmecanização" corporal e social dos participantes.

O elemento teórico trazido pelo TO foi baseado na experiência dos sujeitos, na qual era

possível entender a relação de poder existente dos oprimidos que tinham vontade, e um opressor que tinha poder sobre a vontade dos oprimidos. Neste sentido, com os estudantes do Ensino Médio, demos um o primeiro passo necessário para quebrar as relações de poder e entendimento que passou pelos indivíduos/coletivos em seu ambiente e assim seus problemas sociais foram colocados em pauta com a experiência ocorrida.

Primeiramente separamos a turma em quatro grupos, em cada um foi sorteada uma palavra em relação a opressões como por exemplo: Transfobia, Xenofobia, Gordofobia e Racismo. Cada grupo precisou discutir entre si sobre o Preconceito sorteado, tudo o que sabiam sobre ele, se em algum momento alguém se sentira oprimido, ou até mesmo se reconhecia inconscientemente como sendo opressor. Após a discussão, realizamos o Teatro Fórum que segundo Boal (2005, p. 32):

O objetivo do fórum não é ganhar, mas permitir que aprendamos e nos exercitemos. Os espectadores, pondo em cena suas ideias, exercitam-se para a ação na vida real; e atores e plateia, igualmente atuando, tomam conhecimento das possíveis consequências de suas ações. Ficam conhecendo o arsenal dos opressores e as possíveis táticas e estratégias do oprimido. O fórum é um jogo, é lúdico – uma maneira rica de aprendermos uns com os outros.

Nessa aprendizagem rica de trocas, cada grupo, improvisou uma cena em relação ao assunto, mostrando primeiramente quem era o Oprimido e o Opressor.

Após as apresentações da cena para a plateia, em relação a quem foi o oprimido, quem foi o opressor. Foi feito um círculo no qual os estudantes discutiram as cenas apresentadas e deram sugestões para cada grupo, de ações de cena de modo que o oprimido deixasse de ser oprimido. Após as dicas dos espectadores, os grupos retomaram a cena do oprimido, ao ponto de transformar o personagem oprimido tornando-o protagonista.

Depois da reencenação de ambas as cenas, foi realizado um debate sobre todos os tipos de preconceitos sorteados, as cenas representadas, e seus pontos de vista sobre Oprimidos e Opressores. Neste momento a turma nos surpreendeu com a riqueza de argumentos que utilizaram sob cada uma das opressões, relataram histórias, algumas divertidas, outras trágicas e até mesmo emocionantes quando alguns meninos confessaram que para se protegerem se tornaram “vilões”. Discutimos sobre diversos assuntos de seus interesses, ouvimos, não interrompemos e após a aula fomos abraçados e gratificados pelos alunos que nos revelaram que nunca haviam experimentado um espaço de escuta. Este encontro nos remeteu a Figueiredo (2013, p. 261):

A formação docente é um processo permanente de construção que se realiza na estreita relação com as possibilidades de interação do sujeito do conhecimento com o objeto a ser conhecido, e que, por meio dos fazeres da sala de aula, é possível concretizar uma proposta de ensino-aprendizagem que signifique efetivas interações no sentido de transformação dos conhecimentos.

Com essa troca entre professor e aluno, repensamos sobre a próxima aventura, visto que muitos estudantes haviam discutido veementemente sobre as questões étnico-raciais, viajamos então para a África, a fim de trabalharmos a corporeidade da Capoeira, a musicalidade, o ritmo, ancestralidade, respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro.

Quando revelamos nosso próximo destino, para nosso espanto os estudantes comemoraram. Levar capoeira e seu contexto histórico para a escola, principalmente em nossas aulas de Artes, foi uma oportunidade para gerar discussões e reflexões sobre vários temas da cultura afrodescendente. Os estudantes puderam conhecê-la, mas também aprenderam a aceitar, experimentar e reconhecer. Portanto, além da experiência prática, das rodas e a cantoria ritmada, foi necessário apresentar aos alunos todo o percurso histórico dessa prática cultural. Primeiramente ensinamos os movimentos, para depois cantarmos juntos algumas canções ritmadas em roda. Separamo-nos em duplas e tiveram um tempo de ensaiar os movimentos inspirados nas músicas do “berimbau” e do “atabaque”, instrumentos utilizados nesta arte.

Nos apresentaram a luta, com respeito a si próprio e aos outros, agradeceram e ao final nos unimos para um samba de roda. Essas práticas são “fundamentais da cultura corporal, e através deles nos apropriamos de diferentes manifestações culturais de forma lúdica, vindos da nossa cultura de origem, e que integram a nossa personalidade e identidade nacional” (ALVES, 2021, p. 24). Assim, se restabelece a conexão com uma ancestralidade oriunda de tempos primordiais como nos ensinam esses povos que sempre souberam resistir à dominação lutando, mas também celebrando, cantando, dançando e sonhando (ABIB, 2019).

Neste sentido, vivenciamos a capoeira como manifestação cultural sem separá-la de seu processo político e social. A partir da corporeidade africana, levamos os capoeiristas para a Europa, com o objetivo de trabalharmos as habilidades do Teatro musical, quando dissemos que iríamos trabalhar sobre o canto e a dança, os alunos reclamaram, alegando serem péssimos em ritmo, e houve quem perguntou o que de teatro havia nisso, ao invés de respondermos, citamos Boal (2015, p. 137):

Cada linguagem é absolutamente insubstituível. Todas as linguagens se complementam no mais perfeito e amplo conhecimento do real. Isto é, a realidade é mais perfeita e amplamente conhecida através da soma de todas as linguagens capazes de expressá-la.

Receosos, mas corajosos, aceitaram a aventura. Como primeiro exercício, aprendemos juntos a cantar a música “Andar com Fé” de Gilberto Gil, para trabalharmos a voz, a descontração e o ritmo, os estudantes foram perdendo a vergonha e se divertindo. Em seguida fizemos um exercício de coreografia e pedimos aos alunos que se dividissem em grupo e realizasse uma cena musical, cada um com um gênero: rock, música clássica, romântica e infantil.

Quando tememos que os estudantes realizassem trabalhos estereotipados ou “debochados” novamente, aprendemos a não os subjugar. Apresentamos trabalhos lindos, com

voz, desinibição e ritmo. Os mais tímidos ao invés de deixarem de participar, dirigiram as cenas e ainda se apresentaram como diretores da improvisação. Este fato nos fez acreditar na autora Barbosa (2017, p. 13), quando esta defende que:

[...] interdisciplinarmente, foram comprovados avanços individuais e coletivos em: Autoconfiança; Melhoria do autoconceito; Capacidade de assumir riscos; Concentração de atenção; Perseverança; Empatia pelos outros; Auto iniciação à aprendizagem; Persistência em tarefas difíceis; Aprendizagem autoral; Habilidades de colaboração.

E foram com essas habilidades que encerramos esta expedição, com um pedido das meninas, alegando que queriam muito aprender sobre maquiagens artísticas. Neste sentido, nossa próxima aventura foi na Ásia, com o objetivo de trabalharmos com aspectos visuais. Mostramos então as máscaras dos artistas asiáticos, suas cores e características, explicadas a priori pela professora de Geografia. Sugerimos então aos estudantes que realizássemos as maquiagens asiáticas. Para nossa surpresa, os meninos compraram a ideia.

Para auxiliá-los coloquei meu colega de trabalho sentado em uma cadeira e fui ensinando passo a passo sobre a pintura facial. Compenetrados, os alunos foram pintando e depois, trocaram de lugar para também serem maquiados. Ao final tiramos fotos imitando as poses dos artistas japoneses, com respeito dos estudantes sobre a ancestralidade desse povo. Esse episódio sobre maquiagem, observando os meninos se pintarem, notamos a importância das desconstruções sobre gênero:

A conformação do indivíduo às normas sociais, conseqüentemente, é muitas vezes embasada no medo de ser diferente dos demais e, por decorrência, ser excluído do convívio social. Essa imposição é tão perversa que faz com que crianças e adolescentes se adequem a tais normativas, ainda que isso signifique desconsiderar sua própria personalidade, muitas vezes ainda em construção. (PEREIRA; HORN, 2017, p. 23).

Baseado nesta desconstrução e investigação, levamos os pintores para a Oceania, com o objetivo de trabalhar o mesmo respeito que obtiveram com o povo asiático. Neste dia, trouxemos os aborígenes australianos, de modo a defender as raízes dos povos indígenas do continente oceânico, suas roupas, músicas e pinturas corporais. Como exercício inicial, ao escutarmos as melodias e os instrumentos musicais indígenas, realizamos uma sequência de rítmicos de modo coletivo, onde cada um criava um movimento. Notamos o desenvolvimento corporal dos estudantes, de certa forma, mostrando-nos suas desmecanizações.

Após a sequência corporal, realizamos a sonora, sons com a boca, com as mãos, pés, de modo que relembresse as ações dos povos. Ao final, realizamos uma pintura corporal e encerramos o encontro. Neste dia notamos que os estudantes em nenhum momento utilizaram seus celulares, como em alguns momentos ocorria. Estavam absortos nesse universo ancestral oceânico. Compactuando com a conscientização de que a modernidade tem afastado o povo de

sua ancestralidade, Krenak (2019, p. 09), ressalta que “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”.

Nesta tentativa de encerrar nossa expedição com as memórias, levamos os alunos para a Antártida. Para finalizar, mostramos aos estudantes imagens do continente, animais, paisagens, e estavam ansiosos pelas Artes Visuais, levamos duas telas grandes em branco como painéis. Disponibilizamos tintas, jornais e revistas, e pedimos que os escultores realizassem coletivamente uma arte com pinturas e colagens que remetesse ao continente. Para nossa surpresa trabalharam seriamente e construíram um lindo cenário polar.

Como finalização do processo dividimos a sala de 30 alunos em seis grupos de cinco, cada um realizou uma cena teatral que demonstrasse o que aprenderam sobre cada continente. Foi muito comovente:

África: realizaram uma história ancestral sobre os povos africanos, no meio da cena jogaram capoeira, com direito a canções e alguns instrumentos como atabaque e berimbau, criados pelos próprios alunos;

Europa: fizeram um musical criativo, no qual os atores realizaram paródias imitando corporalmente cada estudante.

América: encenaram uma cena teatral unindo os 4 preconceitos, no qual os atores interpretaram seus próprios personagens, como alunos protestando contra as discriminações.

Ásia: o grupo apresentou um tutorial sobre a maquiagem, e deu uma aula sobre as curiosidades asiáticas e como encerramento entregaram a cada espectador um sushi de encerramento.

Oceania: O grupo ao invés de encenar uma cena teatral, realizaram uma ação performática, com sons, movimentos e pinturas lembrando os povos aborígenes.

Antártida: o grupo realizou uma cena, onde havia um jornalista que entrevistava os animais (representados pelos próprios atores) de como era viver no universo polar. No início julgamos achando que seria uma apresentação estereotipada, porém, além de divertida, notamos que os estudantes estudaram a fundo não somente a vida destes animais, mas suas características corporais e até mesmo vocais.

Ao final ficou evidente que os estudantes estavam engajados com a inter-relação entre geografia e artes, o que culminou na melhora das notas nas duas disciplinas, e auxiliando-os na aprendizagem dos continentes no momento de avaliação. E foi comovente ver um grupo de 30 alunos do ensino médio imersos no desbravamento desses continentes. Essa experiência, nos remeteu a Barbosa (2017, p. 15):

Mas quero ressaltar a importância das experiências com Artes na adolescência, idade difícil, de mudanças hormonais, corporais, de modo de pensar e sentir, de início de autonomia na vida privada e na sociedade, de inter-limites, ora sendo tratados como adultos ora sendo vistos como crianças. A linguagem

presentacional das Artes articula a cognição através da integração do pensamento racional, afetivo e emocional numa escola a qual só interessa a linguagem discursiva e científica das evidências.

Estes adolescentes desbravadores, viajaram conosco mostrando que foram eles os capitães, deixaram de lado a insegurança e a zona de conforto e juntos ressignificamos territórios. Aprendemos juntos sobre Geografia e as Artes, trabalhando diversas habilidades, como descrito por um dos estudantes:

Inicialmente, ao ser informado sobre o projeto, eu já estava animado, pois tanto Teatro quanto Geografia eram disciplinas que eu apreciava, mas nunca imaginei que poderiam ser integradas de forma tão criativa. Aprendi de forma mais profunda e pessoal sobre as diversas culturas e realidades que existem em nosso mundo, tornando a Geografia não apenas uma disciplina teórica, mas uma experiência viva e palpável. Além disso, o trabalho em equipe, a criatividade e a expressão artística proporcionaram um aprendizado muito mais significativo do que apenas absorver informações de um livro didático. Esse projeto me deixou com uma sede ainda maior por aprender e explorar novos conhecimentos de forma envolvente e divertida. Foi uma experiência que levarei para a vida toda e que me ensinou que o aprendizado pode ser verdadeiramente enriquecedor quando aliamos a teoria à prática e a ludicidade à seriedade do estudo (Relato do estudante I).

A partir do encontro entre as linguagens de Teatro e Geografia, o projeto proporcionou diálogos e práticas enriquecedoras com os estudantes do Ensino Médio. Essa "viagem" aos continentes, ancorada em questões do comportamento humano presentes em seus cotidianos, mostrou-se como uma abordagem envolvente e significativa para o aprendizado.

A utilização das práticas de representação lúdica e subjetiva da realidade, revelou-se uma metodologia essencial para o efetivo exercício do protagonismo pelos alunos. Através dessas atividades, eles tiveram a oportunidade de expressar suas ideias, perspectivas e sentimentos de maneira criativa e consciente. Essa forma de expressão corporal individual e coletiva despertou uma consciência maior sobre a importância da cultura, da diversidade e das questões globais, permitindo uma conexão mais profunda com os temas estudados.

O projeto trouxe à tona a riqueza das interconexões entre disciplinas e a potencialidade de uma educação interdisciplinar. Ao integrar a Geografia com o Teatro, os estudantes não apenas aprenderam sobre os continentes e suas características geográficas, mas também puderam compreender melhor os desafios enfrentados pelas pessoas em diferentes partes do mundo. Isso reforçou a importância de uma visão ampla e holística do conhecimento, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados.

Convite para uma nova viagem!

Ao término desta enriquecedora jornada, o objetivo principal do projeto foi alcançado. As atividades didáticas sistematizadas oportunizaram um diálogo intensivo, permitindo uma troca de

experiências que promoveu a aquisição simultânea de conhecimentos no campo da Arte e da Geografia de maneira significativa e estimulante para todos os alunos envolvidos.

Encerramos esta expedição, carregando consigo as lembranças de uma turma de aventureiros que ousou transcender os limites das disciplinas e desbravou territórios antes inexplorados. Ao longo do projeto "Teatro e Geografia: descobertas artísticas e geográficas nos seis continentes", testemunhamos o impacto positivo dessa união entre Artes e Geografia na vida dos estudantes.

Houve uma percepção de que a disciplina de Artes não apenas complementa a Geografia, mas também expande suas fronteiras, permitindo conexões, como no Teatro, que serviu como uma ponte para que eles pudessem vivenciar a aprendizagem de forma diferenciada e divertida, superando preconceitos e timidez, e abrindo suas mentes para novas perspectivas.

Portanto, concluímos este trabalho com um convite para uma nova viagem, uma jornada contínua rumo à transdisciplinaridade entre Geografia e Teatro para os adolescentes de hoje, com suas múltiplas identidades e talentos. Eles são os protagonistas dessa revolução educacional, onde cada estudante é um capoeirista, um pintor, um escultor, um cantor, um dançarino e um artista em potencial. Juntos, professores e alunos, devemos trabalhar arduamente para alcançar essa transformação significativa na forma como concebemos e vivenciamos o conhecimento.

Referências Bibliográficas

ABIB, P. R. J. Culturas Populares, Educação e Descolonização. **Revista Educação em Questão**. Salvador, n. 54, p. 01-20, 2019.

ALVES, L. **Brincadeiras e jogos de raízes africana e indígena em Poço Redondo**. 2021. 67f. Monografia - UniAGES – Licenciatura em Educação Física, Paripiranga (SE), 2021.

ALVES, R. **Conversas sobre educação**. Verus Editora, 2003

BARBOSA, A. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva. Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991, 134 p.

BARBOSA, A. **O dilema das Artes no Ensino Médio no Brasil**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 9-16, 2017.

BOAL, A.; **O Arco Íris do desejo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC, 2000.

CLAVAL, P. **A volta do cultural na Geografia**. Mercator, v. 1, n. 1, 2002

CORRÊA, R.L. & ROSENDAHL. **Geografia Cultural: Um século (1)**. Rio de Janeiro: 2000.

FIGUEIREDO, R. **Experimentos teatrais na educação infantil: (Re) pensando a formação inicial do professor**. Pedagogia do Teatro: Práticas contemporâneas na sala de aula. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

HORN, L.; PEREIRA, D de M. **"Papéis" de gênero, homossexualidade e escola: possíveis diálogos entre educação e estudos de gênero**. Revista Sociais e Humanas. UFSM, v. 30, n. 02, 2017.

LÔBO, J. **A arte e os múltiplos diálogos**: um olhar Interdisciplinar. II Encontro Regional Norte-Nordeste Da ABCiber, 2020.

Recebido em 25 de março de 2023.

Aceito para publicação em 5 de agosto de 2023.

